

TYPOGRAPHIA

DO

Annuario Commercial

PROPRIEDADE DE MANOEL JOSÉ DA SILVA

A MAIS IMPORTANTE DO PAIZ

Telephone 1239 — End. teleg.: MISSILVA

Officinas de Composição, Impressão, Stereotypia e Fundição de Typo

27, Praça dos Restauradores — Calçada da Gloria, 5

LISBOA

CENTRO DA MODA

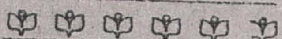
GRANDE ATELIER ALFAIATARIA

Fundado em 1878

DIRIGIDO PELO SEU PROPRIETARIO

J. M. Mendes d'Abreu

É um habil contramestre com larga pratica de corte nas principaes cidades do paiz

Variado e completo sortimento de fazendas de lã, seda
linho e algodão nacionaes e estrangeiros o que ha de
mais moderno em objectos de fantasia, não se innume-
rando pela sua diversidade. 

Vende a retalho por preços sem competencia

ENVIAM-SE AMOSTRAS FRANCOS DE PORTE

COIMBRA == 64, Rua Ferrelra Borges, 68




A:BOIADA



REVISTA
DE CRITICA
ARTE
E LETRAS

DIRECTOR LITTERARIO: AFFONSO DUARTE
DIRECTOR ARTISTICO: CORREIA DIAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANTERO DO QUENTAL :: PROPRIETARIO E
EDITOR: MOITA DE DEUS :: ADM.: ESTEVÃO D'OLIVEIRA :: SEC.: MARIO VIEIRA ::
COMPOSTA E IMPREGGA NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL :: PRAÇA
DOS RESTAURADORES, 27 :: LISBOA ~ ~ ~ ~ ~
DEPOSITARIA: LIVRARIA NEVES — COIMBRA 

COIMBRA
MAIO
1912 N.
SERIE 1

PREÇO
100
REIS:

●●●●● CAPA POR
CORREIA DIAS ●●●

João de Deus — Por Joaquim Martins Manso.....	1
Coimbra: Ao ritmo da Saudade—Por Mario Beirão Velhos teares — Por Vergílio Correia (Desenhos de Correia Dias).....	4
A volta da lareira — Por Marques da Cruz.....	8
Canção das pedras da rua — Por Acacio Leitão.....	14
O rancho — Por Arthur Ribeiro Lopes.....	16
Nortadas — Por Joaquim d'Almeida.....	17
Dos novos poetas — Por Alberto Feliz de Carvalho.....	20
Ante-manhã — Por Afonso Mota Guedes.....	22
Ode — Por Veiga Simões.....	26
Crapacuço — Por Afonso Duarte.....	27
Inscrição — Por João de Lebre e Lima.....	29
A «Terra de Sol» e os «soes» da critica... — Por Garcia Pulido.....	30
Livros recebidos.....	31
	32

DESENHOS

Augusto Gil — Desenho de Balha e Mello.....	3
Bons sentimentos — Desenho de Balha e Mello.....	15
O pão nosso de cada dia... — Desenho de Correia Dias.....	24

VINHETAS POR
CORREIA DIAS

GRAVURAS DE ●●●
●●● PIREB MARINHO ●●●
●●● E MIRANDELLA ●●●
●●● B IRMAO ●●●

CONDIÇÕES

Os escritos e desenhos são da responsabilidade dos seus auctores.

E' respeitada a ortografia dos colaboradores.

CORRESPONDENCIA

Para assuntos relativos á Redacção, dirigir a MARIO VIEIRA; á Administração a ESTEVÃO D'OLIVEIRA.

PREÇOS: Serie (6 numeros):

Portugal e colonias.....	600 réis
Brazil, assignatura directa.....	24000 »
Numero avulso.....	100 »

PAGAMENTO ADEANTADO

Annuncios

Sempre illustrados, sendo o desenho e gravura por conta da Revista.

FOR NUMERO

1 pagina.....	6.000
1/2 ».....	3.000
2/3 ».....	2.000
3/4 ».....	2.000

Por serie, contrato especial; além dos espaços vagos os «annuaciantes» podem contar com mais folhas que serão adicionadas quando necessarias.

PAPELARIA

Papéis nacionaes e estrangeiros de todas as qualidades e de phantasia. Livros em branco e riscados. Artigos de escriptorio, desenho a óleo, aguarella, pyrogravura e photomintofura, etc.

Variedade em artigos para brindes

TYPOGRAPHIA

Bilhetes de visita e de loja, facturas, memoranduns, recibos, circulares, envelopes, relatorios, theses, minutas, etc.

F. CARNEIRO & C.ª

47, Rua Nova do Almada, 49

LISBOA



DIRECTOR LITERARIO: *Afonso Duarte* EDITOR E PROPRIETARIO: *Estevão D'Oliveira* DIRECTOR ARTISTICO: *Correia Dias*

João de Deus

Palavras pronunciadas no Theatro Avenida, de Coimbra, no dia 20 de maio, na festa das flores e das creanças.

MEUS SENHORES:



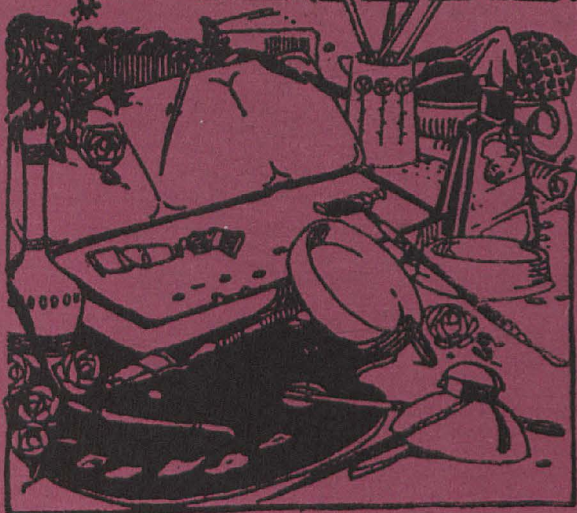
obra de João de Deus representa um pensamento em marcha, uma aspiração que, atravez os tempos, se vae convertendo em factos, entrando nos cerebros e nas almas sob a forma de emoção, imagem, ritmo, sentimento e luz de ensino.

A sua capacidade de expansão e dominio é enorme, parecendo-se um pouco com os grandes rios que, em sua nascente são um fio de agua, mas que depois, á medida que vão rompendo pelo meio das rochas e selvas, crescem, rugem, tumultuam e dominam o silencio das coisas com o clamar soberano da sua voz coletrica e perturbadora.

Os annos irão correndo, alternando o riso com as lagrimas, o re-

pouso com a lucta, a duvida com a certeza, o sensualismo com o misticismo, mas a obra de João de Deus ir-se-ha impondo progressivamente, porque brotou tão dentro da consciencia humana e tão illuminada pelos clarões do espirito que ella por si só cinge, num abraço amoroso e magnifico, toda a sêde de paixão e toda a magoada doçura da nossa raça. O genio portuguez poderá variar-se em appetites e preferencias, em sonhos e ideaes, tornando-se ora mais idealista, ora mais positivista, ora mais crente, ora mais sceptico, que nunca virá subtrahir-se ao encanto e á seducção que a obra de João de Deus produz sempre, como os navegadores nunca podem perder a fé nas estrellas e os heroes o culto das acções sublimes.

LA BÉCARRE



O *Campo de Flores* significa a belleza simbolica e imperturbavel á qual os povos apaixonados e expostos ás vacillações de uma sensibilidade, que umas vezes é entusiasmo e outras amargura e dôr, vão buscar o alimento de que se nutrem as suas mais preciosas visões, dando-lhes a confirmação que a experiencia de um poeta adquiriu, prendendo a doirada neblina da imaginação lirica nos fios luminosos do verso.

Quem quizer apreender a feição epica, trabalhadora e movimentada da raça portugueza irá pedir aos *Luziadas*, ás suas estancias rutilas, sonoras e talhadas no puro marmore da epopeia, o que foi o esforço e a bravura dos nossos avós.

Porém, quem deseje penetrar intimamente o mundo de luz e sombra, em que se agitam os sentimentos, segundo leis misteriosas que os psicólogos não conseguem atingir mundo em que as palpitações do coração desempenham o mesmo papel que a onda nervosa no cerebro — terá de recorrer ao *Campo de Flores*, livro de tamanha vitalidade que, por mais que se leia, nunca se exgota no poder evocador das suas estrofes, feitas com a mestria incomparavel de quem encontra na poesia o imperativo supremo de sua vocação. Na nossa litteratura, a historia e seus dramas obscuros é João de Barros, Camões, o poema epico e suas fulgurações de fé collectiva, Gil Vicente, a graça do riso e da ironia, Vieira, a eloquencia e

seus movimentos dominadores, Anthero, o profeta terrivel, que cinzelou na amarga materia prima do sofrimento, a desillusão irreligiosa de existir, João de Deus permanecerá sempre como sendo a emoção senhoril e bella de uma raça, cuja vida se resume em muito amar, muito esperar e muito chorar.

O *Campo de Flores* é uma conquista nossa, tão nossa como a passagem do Cabo das Tormentas, a descoberta do Brasil ou a construção dos Jeronimos.

Mas se João de Deus, com a sua obra poetica, nos quiz dar um maior poder de dominio sobre os movimentos secretos do nosso ser sentimental, com a *Cartilha Maternal* elle pensou que a civilização marca o maior triumpho do pensamento sobre as forças e os fatalismos das coisas, e que não pode haver, nos tempos modernos, povos felizes se não forem plenamente civilizados.

Para que Portugal se liberte da materia escura, tem de illuminar o seu espirito com o saber, fazendo penetrar no seio das turbas escurecidas a verdade que os mestres colheram na meditação e no estudo. Mas assim como todos os profetas e amigos das multidões começam as suas predicas por um grande ato ou gesto de amor, assim João de Deus collocou no principio de todo o trabalho de cultura espiritual o vulto tão enternecidamente esculpido das mães. A ellas compete, com a sua clara e pura intuição da alma e do

verbo infantil, iniciar as criancinhas nos segredos da leitura. Como, porém, as aspirações são largas e as vidas curtas, João de Deus não teve tempo de ver florir e fructificar amplamente a sua obra.

Os homens passam, mas as ideias ficam, continuando a rasgar o seu sulco luminoso por entre as intelligencias dormentes das gerações.

As concepções de uns são executadas por outros.

Assim João de Deus Ramos fez da defesa e propaganda do apostolado de seu pae a razão suprema da sua existencia.

Os jardins-escolas são, porventura, a primeira semente de um Portugal Novo que mal se adivinha ainda, atravez as brumas e as incertezas. A nossa patria neste momento atravessa uma dura crise, por que lu-

cta dolorosamente para encarnar o sopro profundo da civilização moderna.

Todos nós nos debatemos nesta tremenda indecisão — ou conservarmos a velha alma, rotineira e supersticiosa, que nos vem do passado como um espectro que surge dum tumulto ou renovarmos o nosso espirito ao contacto das nações civilizadas, assumindo um outro ar, outra fisionomia. Somos, por enquanto, os pallidos Hamlets que procuramos de terminar o norte do nosso destino.

Para onde iremos?

Senhores, si-gamos na senda que come-

çam a traçar os jardins-escolas e um dia veremos, atraz de nossos passos, as doiradas ondulações de uma enorme seara, fructo dos nossos esforços abençoados!

∴ CARAS ∴



AVGVSTO GIL

DESENHO DE BALHA E MELLO ***

✧ ✧ COIMBRA ✧ ✧
✧ Ao ritmo da Saudade ✧



CHARCOS onde um torpor, vitreo torpor se esquece,
Nuvens roçando a areia, os longes baços...
Paizagem como alguém que, ermo de amor, se desse,
Corpo que estagna frio a beijos ou a abraços.

A luz transita:
Subito é uma aureola a cúpula infinita!

Ocaso-pleno...
O' sonho apothéótico,
O' minas fulvas rebentando em oiro,
Pólen caíndo na alma... o poente é o meu narcótico:
Quero beber, beber esse thesoiro!

Serpe que ondúla os tons, o poente curva
Os opulentos rastros:
Charcos, paues de superficie turva,
Brilham, rebrilham constellados de astros:

Ei-lo a diluir-se... da agua que ressumbra
Tira ao morrer já todo liquifeito,
— Como os vitraes tocados p'la penumbra —
Tonalidades músicas de effeito.

O' tardes de Coimbra, embaladoras tardes,
Com poentes magoadissimos no rio!

... Vento da foz, de oceanicos alardes,
Baixinho, não esfolheis os choupos nem os freixos,
Lagrimas cáem, vão caíndo, fio a fio:
As fontes rezam orações aos seixos!

Poetas, meus irmãos:
Rezam as fontes,
Rezam os montes,
Rezam os seculos, o Espaço põe as mãos...

✧ Coimbra — Ao ritmo da Saudade ✧

Ungidas de misterio as petalas descóram...
No seu melindre os tons
Crepusculisam, óram:
Na dubia hora incerta,
Cada corolla aberta
E' uma escala de sons...
Já tudo se harmonisa,
Volatilisa
Aos poucos...

Oh sonho! oh fantasia!
Poetas, meus irmãos, divinos loucos,
Vinde ouvir, vinde ouvir a estranha melodia!

*

Mas quando a noite vem mansissima de affagos,
Recolhimento, sonho,
Penumbra de saudade recomponho,
Esfúmo traços vagos:

O burgo medieval engolfa-se na sombra...
A noite vem, borrão de tinta que me assombra,
Curva cada vez mais — as grandes azas pandas
Abertas sobre mim...
... Na agua que ouviu de Ignez as queixas miserandas
A noite espêlha o palio azul-setim:

Vogam os barcos á mercê do vento
No liquido, estrellado firmamento...

A um vôo de luz todo a pairar, suspenso,
O luar abrindo, espasmico, desmaia:
Perola enorme a diluir-se em bruma,
Opala — em ondas lívidas de incenso...

O vento, no orgão, um «miserere», ensaia...

Nos claustros do silencio unindo-se uma a uma,
Põem-se a desfilar as procissões dos choupos.

∴ Coimbra — Ao ritmo da Saudade ∴

— Liturgico, solemne —

O palio-azul ao alto dos seus tópos:
A Graça ungiu a terra... Lausperenne!

Meus olhos vão peregrinando imagens:
Olhae-os e vereis paizagens e paizagens...

Extase, fuga para o sonho... inclino
O corpo sobre a terra e, assim, que bem...
Que bem que ella acalenta: eu sou como um menino
Ao collo embalador da sua mãe!

Inclino mais: ralos de angustia, espanto,
Esvoaçam até mim: as ninfas todas
— Reünem em concilio — e partem como doudas:
Buscam Ignês, Ignês, prêsa dalgum encanto:

Em vão os echos ficam repetindo
Saudosissimamente o martyr nome lindo,
Saudosissimamente, em compassos de pranto...

Novo silencio acalma. Os seculos desfiam
Lavôres que no tear da Evocação urdiam:

E o Burgo surge com torreões e grades,
Paços, Estudos, numa rampa em tréva... —
Burgo, é noite: compõe ao espêlho das Edades
O teu capuz de sombra mediéva!

O' esconsos de bitesga, obliquas vielas,
— A medo mal um nicho noctiluz... —
Ha rondas a vaguear: lá assomam ellas,
Hombro com hombro, o feltro baixo, os ferros nus...

Mas um vulto faz alto á turba dos brigões,
Flammejam espadins, a viela é illuminada!
... Oh Ceus, ressuscitou Nun'Alvares: Camões
E' um bronze de attitude — a loba esfarrapada! —

∴ Coimbra — Ao ritmo da Saudade ∴

E a noite é toda um frémito de ronda:
Em plena Renascença a Tavola-Redonda!

Reza o meu sangue uma epopeia: assim,
— Poder de regressão — eu sinto dentro em mim
O espirito das éras:
A voz do que passou murmura como os buzios...
Na sombra, de perfil, Coïmbra dos frades Cruzios,
Sustem nas osseas mãos rosarios de chymeras...

Scenarios e scenarios,
Recordações, historias:
O' contas dos rosarios,
Pater's, pater's a orar num terço de memórias!

... Na penumbra dos sons, toda em surdina,
Da distancia, do Além — agua a fugir da mina,
Um halito de voz murmúra e tem saudade!

Longe esparso em mim, choro sem ter vontade...

E a voz — alento e dôr — afflige-se num rogo,
Subito é uma caudal cavando-se em regougo:
Prea-mar, prea-mar — ainda ha pouco um veio!
O' Coimbra é a tua voz, p'ra ella me debruço:
Não posso ouvi-la, adeus! Voz de estertor, anceio,
Delira e quebra arfante,
Cortante,
Como um soluço!

: MARIO BEIRÃO :



: VELHOS TEARES :



nossa industria de fiação e tecelagem caseiras, popular e tradicional, ascende — sem já querer ir buscar-lhe a origem ao

tosco emaranhamento de fibras vegetaes que entre os ibericos autoctones da pedra polida e do cobre constituia a mais alta manifestação do engenho humano, — á epoca remota em que apagadas figuras feminis dos tempos pré-romanos de nebulosa historia, teciam neste recanto do mundo sob o colmo fulvo das cabanas, entre risos e cantos, as *pallae* e os *saga* dos barbaros e difusos ocupantes da Lusitania.

Logo depois é uma outra visão: a da mulher romana, fiando e tecendo pelos anos fóra, na sua clausura legal e familiar, as tunicas e os peplos do linho alvo das colheitas estivaes.

Seguem-se raças e povos, e a industria chega até nós caseira e tradicional, com os mesmos processos e os mesmos teares, em que

as *queixas* vão gemendo eternamente, e os *pesos* repuxam sem cansaço os *combos* e a teada.

Alguma cousa porém se mudou nos teares durante a multi-secular jornada: uma arte popular, amorosa e simples começou a vestir de rendas de desenhos e gravuras a nudez dos seus accessorios; e as deusas pagãs que protegiam o trabalho do linho foram substituidas pelas Santas e Senhoras dos *registos* que cada ano, a cada romaria, vão forrando devotamente mais um pedaço dos *pégões*.

*

Ha perto de Coimbra, para as bandas do sul, lá para onde os montes se seguem como vagas gigantéscas de pinhal, uma região recolhida, misteriosa e tristonha, cercada á civilização pela situação natural; por toda ela, os vales curtos e encovados dando logar a magras varzielas, alternam com montes agudos e de difficil acesso, conquanto não muito elevados. Desta situação particular desprendem-se consequencias particulares tambem, reflectidas nas industrias regionaes.

E' muito mais difficil á civilização, ao progresso quotidiano, galgar e inundar estes pequenos vales do que entrar numa região defendida por alterosas montanhas; no primeiro caso os diques sucessivos e ignorados opõem maior resistencia á vaga

:: VITRAL ::



: DESENHO DE
CORREIA DIAS

: VELHOS TEARES :

do que a muralha de apparencia inexpugnável de uma serra, onde conhecidos os colos de passagem tudo é varrido logo... A Estrela está incomparavelmente mais adeantada do que esta parte do distrito.

Nesta região, que ocupa parte do concelho de Miranda e o extremo sul do de Coimbra, vive difficilmente uma pequena industria de tecelagem caseira cujo estudo me foi especialmente interessante pelas preciosidades etnograficas que lá fui encontrar.

No começo do verão os campos de linho vêrde ondulam mansamente por todas as encostas e varzinas que o comboio atravessa entre Ceira e Miranda. A preparação da materia prima — colheita e fabrico especial, é aqui idéntica á de outras partes do paiz. Passados esses trabalhos, o fio é novelado ao *caneleiro*, e de quanto essa occupação é afadigosa e monotona, reza a cantiga das tecedeiras:

Aprendi a tecedeira
O caneleiro me mata...

Entram por fim os fios no tear. Mas que tear aquele! E' o tear primitivo por excellencia, o puro e tosco tear dos luso-romanos!

A fórma é simples, o material empregado o mais vulgar, de pouca escolha nas madeiras, de nenhum cuidado na factura. São quatro estacas a prumo, os *pégões*, ligadas lateralmente a meia altura por lar-

gas taboas, as *mesas*, e internamente por dois grossos rolos afeixoados, os *orgãos*, que se movem como eixos nos orificios redondos das *pombinhas*. Os fios convenientemente espaçados desenrolam-se de um dos orgãos, e atravessando os dois pares de pentes de cordel fino dos *lissos*, pendentes dos *castelos* — umas roldanazinhas toscamente lavradas — e a *queixa*, vão depois do trabalho de vae-vem da lançadeira enrolar-se já tramados no outro *orgão* da frente.

E' com este rudimentar material que se trabalha. Quasi todas as raparigas das aldeias, de Almalaguez e da Flôr da Rosa, de Castelo Viegas ou dos Moinhos, aprendem a tecedeiras. Quem passa numa dessas povoações sente-se atraído pelo ruido abafado e monotono que sae das lojas ao rés da terra, no silencio das horas do calôr; e se se aproxima do postiguito que alumia o tear, e cubiça um olhar da Senhora do Linho, pôde esperar muito tempo: lá o diz a cantiga, onomatopaeizando o ruido da *queixa*.

Ela estava truque-truque
Deu-me logo o desengano...

Quasi nenhuma das moças da região deixa agora de entremear os trabalhos do campo com o sossego fresco do tear, porque a industria só, não dá para viver e a emigração obriga as mulheres a labutar como homens. Dá gosto vê-las tisnadas do

: VELHOS TEARES :

sol, movendo as teadas alvas. Algumas, a quem o cuidado do linho ocupa sempre recolhidas —

Passa-me o amôr á porta,
E eu sempre recolhida . . .

— teem uma clara e macia tez de enclausuradas.

São bastantes as cantigas que se referem ás tecedeiras, á sua vida, ás partes do tear: não é porém aqui o logar de as publicar.

Vem depois os accessorios: os *tempereiros*, espatulas de alisar a teada, as *lançadeiras*, donde o fio vae saindo para cruzar outros fios, os *arróchos*, que agüentam as voltas retesadas dos *orgãos*, e finalmente os *campos*, as *correias* e os *pesos*. Como tudo aquilo é minucioso embora simples!

Mas se o tear se conservou aqui desde a Antiguidade, sem mudança alguma, na mais rudimentar expressão industrial, o que originou uma arte por assim dizer *familiar*, fôram os pequenos accessorios de que falei, que todos eles sem excepção, pesos, correias, campos, lançadeiras, tempereiros, arróchos, apparecem lavrados, trabalhados com desenhos e nomes, com flôres e figuras que patenteiam toda uma maneira decorativa ingenua e propria, impossivel de encontrar tão completa, fóra desta região.

Começando pelos *pesos*. O *peso* serve para manter estendida no leito da teada uma cana que atravessa os fios; tem sofrido com os tempos um sem numero de modificações.

Ao tosco *peso* pré-romano, retangular, de pasta grosseira e quatro orificios de suspensão, segue-se o *peso* romano, trapezoidal quasi sempre, com um ou dois orificios apenas, marcado raramente com um nome, ás vezes com um signal religioso, uma cruz, uma letra isolada, e vem a evolução terminar nos *pesos* d'hoje, de fórmãs, substancias e ornatos diversos. A pedra substituiu-se ao barro, a olaria apoderou-se delles, deu-lhes feições variadas, vidrou-os, pintou-os . . . : — corações, chaves para os abrir, flôres estilizadas, nomes, monogramas, toda a amorosa ingenuidade grafica do galá aldeão para a moça dos seus desejos, — constituem agora a ornamentação habitual.

Tenho presentes alguns: sobre as superficies trapezoidaes, mamilares, piramidaes, conicas, cruzam-se os desenhos geometricos ou irregulares, as flôres, os coraçõesinhos floridos, as rosetas sexifoliadas, as iniciaes reveladoras. . . Noutros são cercaduras de pontos, orlas de linhas torcidas, guarnições de meios circulos, debruns de *batons rompus*, cavados ou relevados; uma variedade enorme de fórmãs e desenhos que representa a mais diferenciada característica entre os *pesos* antigos e modernos.

: VELHOS TEARES :

Novas correntes esteticas, novos sangues, operaram talvez este milagre.

A civilização romana foi como os seus monumentos, fria, severa, grandiosa; não se encontram nela esses pequenos nadas, essa delicadeza que tão notaveis torna as civilizações orientaes. Do norte ao sul de Portugal, os objectos que apparecem dessa epoca, não divergem de região para região; a ceramica do convento Bracarense é identica á do convento Pacence; as fibulas, os mosaicos, os estuques, os vidros, os mesmos são em toda a parte.

Estes objetos porém, pertenciam ao numero daqueles que a Italia, a Fenicia e a Grecia enviavam por commercio até á Lusitania, e não representam produtos de industrias regionaes: não servem pois para julgamento.

Conservariam porem essas prouvaveis industrias regionaes, vestigios de desenhos e decorações anteriores? E' muito possivel: porventura não são outra cousa (transmitidos de geração em geração), os ornatos que se encontram hoje nas cangas e castanholas do Douro, nos *campos* e *pesos* da Beira ou nas colheres, caixas e *córnas* que os pastores do Alemtejo tão delicada e morosamente executam.

Que regras occultas, e comtudo tão indelevelmente permanentes seguem o espirito e arte popular,

para que passados 20 ou 30 seculos venham reproduzir-se nas paredes de um celeiro do seculo xvi (S. Maria da Arrifana), os trisceles e tetraceles castrejos; ou gravar-se no pedestal de um calvario do seculo xvii (Almalaguez) e nas faces de *pesos*, ao lado de corações em flôr, as rosetas sexifolias de tão remota memoria! Não podendo admitir por varias razões que toda esta decoração provenha dos bárbaros ou muito menos, dos berbéres, e como os romanos já estão fóra de pleito, ha-de procurar-se-lhe fatalmente antes da epoca romana, a origem primeira.

Terá portanto esta arte familiar raizes na camada pré-romana. O que está verdadeiramente assente, para mim, é que toda a arte *familiar* dos teares é impessoal e tradicional; o artista aldeão copia, modificando pouco, os ornatos que tem á vista e fóra dos quaes nada conhece.

Quando por lá andei, investigando e tirando desenhos, todas as mulheres se acotovelavam sorrindo e bichanando que eu andava naquilo porque tinha uma namorada tecedeira e queria fazer um *campo* rico para lhe oferecer. Não



Cambo

: VELHOS TEARES :

entendiam mais, e confirmavam-me na minha opinião...

O *peso* pende de uma fita de couro ou de pano, que o liga ao *cambo*. Quando as fitas são de cabedal, enchem-nas de recortes e de entalhes, formando-se esses graciosos objectos que Correia Dias, o artista de delicado traço, tão deliciosamente soube copiar do natural; quando são de pano, bordam-nos então de ramos e folhagem de côres vivas ou com um daqueles desenhos de meandros de linhas rectas que estamos costumados a vêr debruçar as tunicas das elegantes atenieneses que os ceramistas de seculo v desenhavam e pintavam nas paredes brancas dos lécytos de larga boca.

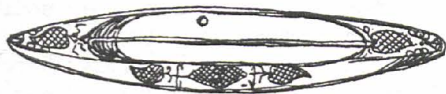
Vem finalmente os *campos*: nelles se revela quão sentimental e amoroso é ainda o character popular. Entre a variedade enorme deles, — cada casa e tear possui dois ou tres, poucos se encontram em que não haja gravado qualquer signal de amor, porque em geral todos os accessorios são ofertados pelos rapazes ás conversadas e ás noivas, motivo tambem por que os conservam pela vida fóra, mesmo quando já não servem. Alguns teem gravados verdadeiros quadros pequeninos de vida e amor simples.

Que vêmos na reguazita plana

que forma o dôrso deste *cambo* ingenuamente gravado por um artista que só o sentimento guiou? Um coração, uma chave, de novo um coração, uma guitarra, um cipreste, uma cruz... É uma vida inteira, o fundo de uma alma, a descoberto! Alma de sentimental, alma de aventureiro, alma igual ás que fizeram a lenda. Um coração e a chave para o abrir, uma guitarra para a musica dolente e anestesiante, um cipreste e uma cruz... Amôr, religiosidade, fatalismo. Não são estes afinal ainda os alicerces da alma do povo?

Olhai-me agora a base do gancho do *cambo*: lá estão duas figurinhas. O signo-samão de um lado e a roseta sexifolia do outro; bruxedo e tradição: são os dois signaes misteriosos cuja origem o povo desconhece e vae contudo repetindo e conservando sempre.

E este outro *cambo*... A começar do fundo, na reguazinha, passam as fases da vida: a viola da esturdia mocidade, o namoro de prolongada doçura, logo a hostia e o calix, o simbolo popular do casamento. Já são marido e mulher: é trabalhar,



Lançaadeira

que a cruz lá em cima recorda o fim de tudo. No alto, enigmatico e protetôr, o *signum salomonis*.

: VELHOS TEARES :

Este *arrôcho*, não parece um scetro de rei antigo, torneado e entalhado com primôr, beijado de goivadinhas finas que deixaram outras tantas folhas na madeira!?

Nas suas largas patas de palmípedes, os *tempereiros* tem desenhos e nomes que morderam o ferro: Maria e uma flôr, Luisa e um coração!

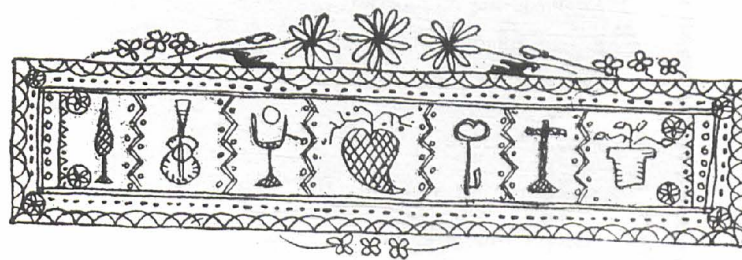
A *lançaadeira*, que lá para a França chamáram melhor que nós *navette*, é como uma barquinha de sonho para vogar entre aguas de linho alvo. Vêde como leva os casinhôtos da pôpa e da prôa, e os costados, cheios do signal do amôr, do coração florido!

Toda a vasta ornamentação dos accessorios do tear que num artigo desta ordem não pôde ser descrita senão muito ligeiramente, pela rama, denota nos habitantes desta atrazada região do distrito de Coimbra uma forte conquanto bárbara, intuição artistica, oculta como fogo sob cinzas debaixo da camada tenue de civilização de que muitos povos parecem revestidos, quando afinal o substratum permanece absolutamente selvagem.

Ainda assim, abençoada selvajaria que tão belos documentos etnograficos nos conservou!

Coimbra — Abril de 1912.

: VERGILIO CORREIA :



:: A VOLTA DA LAREIRA ::

CAE sobre o lár a noite esmorecida,
Onde luz a candeia já exangue...
E um sômnio veludineo téce a teia

Em volta á Vida
Em volta ao Sangue...

As Vidas têm sômnio
E ha desmaios de côr n'esse retiro...
Finou-se agora a luz n'um abandôno
N'um ultimo suspiro...

O vento zuniu alem...
Despertou o cavadôr.
Olhou em róda. Ninguem...

Acabára-se o *azeite do Senhór*...

Foi direito á candeia,
Assoprou-lhe no morráo
E luziu n'um alvoroço
Que o alégra, que o enleia...

Padre Nosso...

Um gosto que Deus lhe deu.
Assoprou-lhe e já luzia:
Foi uma alma para o ceu!...

Ave Maria...

Coimbra, 912.

: MARQUES DA CRUZ :

:: BONS SENTIMENTOS ::



— Oh! meu senhor, dez réis para matar a fome!
— Oh! mulher! matar é sempre um crime!

: DESENHO
DE BALHA
E MELLO :

::: Canção das Pedras das Ruas :::



PERTADAS, comprimidas,
Enfileiradas e nuas,
Assim passam suas vidas

As tristes pedras das ruas.

«Por entre sonhos de fadas
Só temos a nossa dôr;
Sômos as sempre pizadas,
Já ninguém nos tem amôr.»

Bátem carros de aluguer
E passam em correria...
Dizem ellas a gemer:
«Pão-nosso de cada dia.»

A passo, pesadamente,
As mulas, — que vida amarga!
Arrastam com ar dolente
Longas carroças de carga.

S. Pedro de Muel, 1911.

E as tristes sempre pizadas:
«Já ninguém nos tem amôr...
Por entre sonhos de fadas
Só temos a nossa dôr.»

Se soubessem que saudade...
— Ai que saudade tamanha!
Vivia-se em liberdade
Lá nos altos da montanha.

Saudade — que doce enleio!
Recordações do passado...
Entam achavam-no feio,
Agora é todo doirado.

Quando passam quase a mêdo
Pésinhos do meu amor,
Dam-lhes louvor's em segrêdo,
«Alivios da nossa dôr.»

: ACACIO LEITÃO :



::: O RANCHO :::

POR volta das tres da manhan,
entram as buzinas de pôr
álerta toda a malta do
rancho.

Com estrelas ainda no ceu quasi,
a bem dizer, se não enxerga o tri-
lho dos caminhos!... Mas do quar-
tel do rancho, lá riba, ao olival, é
quasi uma hora de caminho e en-
quanto a malta abanca á comedo-
ria e se aprompta, mal tempo ha de
pegar no trabalho ao sol nado. Vá
vêr! E o grito do rancheiro obriga
aos ultimos bocêjos, a enterrar, á
pressa, uns pés insensibilizados a
crôsta nuns sapatos cardados á ser-
rana e enquanto os homens aper-
tam os safões e as mulheres, persi-
gnando-se, ageitam a capucha d'est-
tamenha, a cosinheira arreda as
panellas do lume e dá prompto o
primeiro quartel do dia. Rápidos, en-
grolam uma berumdanga fedendo a
vegetaes fervidos e, roendo ainda a
codea de pão milho, ergue-se tudo
e á voz do rancheiro, cestas nos
braços, varjões ao hombro, enca-
minha-se para o olival o rancho da
azeitona.

Transidos, marcham como uma
fila de sombras pelos carreiros dos
olivaes.

A treva, a pouco e pouco, vae
parecendo mais fria e densa, té que
prás bandas do Oriente uma meia
luz dada em crepusculo de nave,
vae-se ás coisas recompondo as ati-
tudes.

Uf! O frio coagula o sangue nas

veias, vem pla encosta abaixo um
arsinho tal, que se enrosca aos cor-
pos como serpentes de gêlo, mor-
dendo as mãos e as orelhas onde as
frieiras começam a gotejar rubis,
retalhadas como por uma navalha
por este amaldiçoado frio das ma-
drugadas de Dezembro.

E a marcha segue, num silencio
d'enterros, sem graçolas e sem can-
tos, só algum, mais folgazão, se atre-
ve a um dito que não encontra
eco; lá por vez, certas cantigas vão
soando, que são gemidos quebrados
em soluços e, se acaso, as vozes
soam, unisonas, é um *bemdito* que
sobe aos ceus, numa unccão de morte,
e, a pouco e pouco, todas essas boc-
cas religiosas vão ungingo a noite
de terror e respeito... As arvores
teem gestos de pedintes, ha ecos de
resas perdidos nas levadas, as es-
trellas tremem como luzes de cirios
fugidos, chorando a terra, em volta,
as comas dos pinheiros ficam em ex-
tase, suspensas, e as vozes vão su-
bindo, num *crescendo* devoto, na
mais desolada harmonia que se po-
deria erguer no silencio d'aquella
hora, enquanto lá longe, a luz — as
vozes morrendo num gemido — vem
pelos montes descendo, descendo.

Amanheceu. Vão chegando ao
cimo do outeiro, mas a apanha co-
meça, lá baixo e vem, ladeira arriba,
para o mulherio, mais facil, apanhar
o bago. O rancheiro, esse lá vem
atraz pra fazê-las voltar, tanta vez,
quantas seus olhos lobrigam, esque-

cido, algum baguito a mais. Toca a estender os panos, os varjões er-guem-se no ar e ensaiam as pri-meiras varjoadas. O frio entorpece e a primeira hora de trabalho é um flagello d'escravos.

As mãos mal sustentam as varas e as oliveiras batidas teem sons doridos; vá, avarjando, avarjando bem, mas mão leve que as arvores castigadas já deixam em desejo a colheita seguinte e d'entre a folha-gem sacudida, avarjando, as azei-tonas vão cahindo como enormes lagrimas escuras. Vá, trabalhar rapido a vêr se aquecem; os rostos teem vincos rouxos e as maxillas chocam-se de frio, amaldiçoada hora, alguns sujam de sangue os varjões, rebentadas as frieiras, ro-gam-se pragas que ficam no ar, como nodoas, as mulheres mal jun-tam os dêdos e os bagos cahem-lhes das mãos; ainda quentes do seio das mães, pobres arveolas tos-tadas, algumas, pequenitas, ficam tolhidas e não logram cobrir o fun-do á cesta.

Deus se amerceie de nós! as mais velhas pegam-lhes nas mãositas e dão-lhes, num halito, uma especie de beijo do seu sangue, a ver se aquecem, mas o frio cada vez é mais e, por arte má, o nevoeiro cahe agora num chuvaireiro d'agulhas que lhes mordisca a pelle, numa imper-tinencia perseguidora e as pequeni-tas, abandonadas as cestas, perdido mais um quartel, choram.

O nevoeiro. . . Já era de tempo

de romper, mas qual? E, á uma, os homens olham o sol que o nevoeiro exilou apagado, miseravel, uma mancha lactea subindo no espaço cho-rando menos pela luz que já nos deu do que pelo insulto dos nossos olhos.

Manhans de nevoa onde os olhos do meu paiz leram mysterio e espe-rança! . . . Que nós todos, talvez pelo muito que descobrimos ainda hoje esperamos a vinda do Encoberto. . . que aplicado á coisa publica o mal não está em se esperar a vinda do Encoberto, está em se soffrer as des-cobertas que se não esperam.

A nevôa agita-se. Vae-se rasgan-do e voando em teias d'oiro e agua, finissimas, enquanto, lá deante, a luz vae dando aos cimos uma demão d'um fulvo agoado.

Lá baixo, o val echoa de choca-lhos na abundancia biblica dos re-banhos. De sobre o rio, a nevoa vae erguendo-se como um docel de ne-voa, a sumir-se, e o rio surge todo em luz, como em bossana de fertili-dade, já arrogante da invernia e por todo o vale, por todo o rio perdido em longos egypcios, os olhos esque-cem-se num langôr sonhante prenhe de desejos.

O Tejo esconde-se, lá baixo, por detraz da encosta e surge, lá deante, manchado de barcaças, que a cheia, ainda mansa, largou agua abaixo, agua acima, numa actividade evoca-dora e olhando a paysagem, lá lon-ge, té perde-la em telas esfumadas a côr vae desmaiando em curvas sensualissimas. De certo ponto se-

guindo o olhar, são vinhedos e pi-nheirae espaçados por planicies re-talhadas em courellas de cultivo vario, casaes espalhados por toda a região, vastissima, notas de paysa-gem que são canções á Vida e á Força, a estuar de seiva, e acolá, mais em demora olhando por sobre a região beirá, adivinham-se as vel-gas e os carregos correndo entre os montes severos, d'uma concentração de mysantropo, emquanto que, mais ao sul, seguindo as linhas marginaes do Tejo a luz e a côr já ensaiam rithmos entre melodico e barbaros té que, mesmo em frente ao meu outeiro, toda a paysagem se alonga numa melodia orgiaca.

Um sol d'inverno poereja agora os montes d'um azul esvaído.

Os corpos dilatam-se a uma tepi-dez enlanguescete. E' o inverno me-ridional, cheio d'azul e de sol, com sementeiras a florir, terras revolvi-das no labôr angusto das lavouras, quedas d'agua, a rir de luz, espraia-das pelos campos como se fossem a propria voz da terra, correndo len-tas, a cantar. O meu rancho desin-volto agora á luz do sol, já enche o espaço d'uma harmonia barbara, espe-cie d'orpheon selvagem erguido ao sol, num religiosismo de parse, a dar expressão artistica em certas toadas — gente d'essas terras beir-rãs onde se aninham padres, como em viveiros —, as dolencias viscosas

do cantochão por seculo bebidas e conservadas, religiosamente.

Soam os varjões, batendo os ga-lhos das arvores d'entre a algazarra estridula da malta. As arvores es-tremecem, doloridas, os bagos ro-lam, n'um chuvaireiro, cahindo d'alto em reflexos de pupilas nêgras. Não ha faina, que mais dôce corra ao povoleo dos campos que a apanha da azeitona correndo assim em tempo secco e amainado. Mas por estes dias de Dezembro não ha fiar no sol. N'um repente, o azul alastra-se de nodoas pardas e um chuvaireiro soprado por tufões malditos pôe em debandada miseravel os pobres que só na fome irão sentir o exilio do trabalho.

E' então que, restos d'uma chuva que a terra já não bebe, os charcos ficam á flôr dos campos, olhando o tedio suicidante das tardes sem crepusculo.

As planicies alagadas, todo um ceu escandinavo, absurdo, cahido pelos charcos n'um liquido cinzento, mysticisam a paysagem desmundanizada até á dôr.

E a gentaina do rancho, sob as vergastadas liquidas da invernia, deixa que a sua carne absorva, até aos ossos, bategas e bategas, antes que peor tempo obrigue á perda dos quartéis. . .

.....
.....

::: NORTADAS :::

Ó folhas caídas tam antes do outono
Do meu arvorêdo,
Que vento de morte vos pôs ao abandono
E ainda tam cedo?
Roupinha dos frutos que vi a crescer
E agora despídos!
Ai folhas, ai folhas que andaes a varrer,
O' fructos perdidos!
O' vento, caluda, não sopres tam forte
Nas folhas do ar;
Eu quero que as folhas me cubram na morte,
Contigo a resar.
O' barcos á vela que andaes pelas ondas,
Sem remos nem vara,
Colhei estes ventos que é tempo de mondas
E morre a ceara.
O' rude ceifeiro que esperas colheita
De timidos grãos,
Não vês que a seára já toda se deita,
Não ergues as mãos?
Moleiro, tam de alto, não cantes na cama
Que o vento, se ouvir,
Faz tiras das velas, sacode-as na lama
E põe-te a pedir.
Barqueiros dos rios, vá fóra tambem,
Não vêdes? Ouvi-me!

⋄ NORTADAS ⋄

Olhae como o vento de rijo vos tem
Os mastros num vime.
Não deites foguêtes, não deites, bem vês
Alegre festeiro,
Que o vento destomba-os e podem talvez
Pôr fogo ao palheiro!
Pastores da serra dizei Padre-nossos,
Cuidado, cuidado!
Que os ventos de março retalham os ossos
E matam o gado. . .
— Meus olhos quebrados só vêem tormentos,
Visões, despedida!
Que ventos de morte, que abraços dos ventos
Nas lutas da vida.

Verride — Convento d'Almeara, 1911.

JOAQUIM D'ALMEARA :



:: DOS NOVOS POETAS ::

IMPRESSIONES

Na *Légende des Siècles*, deixou Victor Hugo este verso enorme: «Un poète est un monde enfermé dans un homme».

Pois apesar da sua enormidade, estou que o proprio Hugo o encontraria hoje pequeno para com elle definir alguns dos actuaes poetas portuguezes, tal a ansia estuante de Infinito que perpassa atravez da sua poesia.

E se não fôra o misonismo intellectual, panchorramente regido pela batuta calina de certos emporéns da critica, a pegarhar o nosso publico que lê á poesia dos tempos combativos de Junqueiro — sublime sem duvida, mas decididamente avósinhada pela presente vigorosa geração de poetas — certamente ninguem deixaria de reconhecer uma desatre-mada pequice ao ver extremar apenas um poeta d'entre os *mortiços chorões invernaes da lusa poesia contemporanea* — epitheto que as comichões satyricas do auctor de *A Mascara* lhe sugeriram para poetas, que, na decadencia fatal em que este povo de tresmalhados e ribaldos aos tropo-galhops se vae arrojando, são uma alta, imperativa affirmação de grandeza e a unica esperanza de que hão-de resurgir, para uma nova vida exuberante e fecunda, os descendentes d'aquelles heroes com cujos feitos já se creou

uma das tres ou quatro grandes epopeias, que assignalam na Humanidade os povos superiores.

Por isso se me afigura de uma necessidade urgentissima preparar, no espirito do nosso parestado meio intellectual, a receptividade para uma poesia que contem germinaes tão promettedores, sacudindo-o da morrinha rhetorica das velhas tiradas revolucionarias e annunciando-lhe a Boa-Nova que vem gerar um outro Credo n'um outro Ideal da Vida.

Os poetas da actual geração, essencialmente constructiva, succedendo logicamente aos demolidores, apresentam-se-nos cheios de Fé e com a alegria dos entusiasmos creadores que animam todos os prophetas.

Cantam e falam aos corações em rajadas de emoção, que nos alagam de enternecimento por tudo. . . porque com elles tudo vive:

«O ser indifferente não existe
Quem não ri ou não chora é sombra triste
Sómente a commoção nos faz viver»

diz-nos um d'elles, Teixeira de Pascoaes. E é que adivinham vidas occultas, longiquas, primitivas, completas, que nós nunca sentiriamos. . . e tantas que martyrisavamos na cegueira bruta de incons-

▣ ▣ DOS NOVOS POETAS ▣ ▣

cientes; por vezes são revelações que transfundem duvidas excruciantes em consoladoras certezas, revelações de gestos, falas, movimentos, physionomias, corpos, almas. . . O universo povoa-se de seres, nos desertos tumultuam vidas, nas solidões fornicueiram creaturas, com uma bondade infinita a ungir todas as coisas: os pinaros das mais asperas montanhas são mãos postas da terra, em prece de mãe ajoelhada, a orar pelos seus filhos — os Homens — que lá andam expiando o crime de a terem renegado; dos antros escuros dos rochedos, descem olhares, dôces como benções, ternos como afagos, a perdoarem-nos a offensa de os não termos entendido; as florestas, que nos enchiam de supersticiosos terrores, aparecem-nos agora como aconchegadinhas procições de monges, levantando psalmos religiosissimos ao amor, todo feito de antigos odios, em que hão-de commungar todos os entes, no dia em que a verdadeira vida a todos nos unir; as aguas, sangue da terra, lá vão, rezando tambem os seus canticos de frescura vivificante, a afogar no Padre-Oceano todas as lagrimas do Mal que as coisas e os homens choram, para que este arrendimento os purifique e divinise, absolvendo-se de passadas culpas que um tórpe entendimento da vida lhes fazia conceber.

N'esta continua permuta de sentimentos, quantas vezes encontramos nas vozes das coisas exterior-

mente silenciosas, os carinhos maternos de que carecemos para dôres que o tracto dos homens só nos exaspera mais e na apparente rudeza das fórmulas, o regaço amavel a offerer-se-nos para embalarmos sonhos que o aleivoso cynismo dos scepticos *up to date* lambusa de rinchavelhantes remoques e picaras pequinhas.

Agora, toda esta religiosidade cantada, percebida, mas sem os jere-miacos threnos de lamentações d'aquella velha poesia, que adrede se empenhava em perseguir motivos tetricos, acabrunhantes, a fim de nos representar este mundo como um vale de lagrimas, a que tinhamos vindo anathematisados não sei por que megericas divindades, bodes-expiatorios de não sei que originarios crimes, que faziam de cada homem um galeriano perpetuamente amarrado ao pelourinho da vida.

Tambem se não topam vestigios d'aquelle satanismo enraivado, com que Baudelaire se envenenou, constantemente atormentado pelos guinchos guiados de Satan a resbunarem-lhe aos ouvidos, até ao ponto de não ver no homem mais do que um titere, pinchando a gosto da felonía diabolica; e ao seu verso degradante: «C'est le Diable qui tient les fils qui nous remuent!», em que se condensa todo o seu aziumado pessimismo, podemos, em Teixeira de Pascoaes ainda, contrapôr estes sublimes alexandrinos, que definindo o homem, o fazem um reflexo de Deus

e lhe deificam as acções: o homem

«E' a sombra de Deus e a sombra do Amor!
E como sombra segue o corpo que a projecta....»

A modos que temos uma poesia moralmente dignificadora a alçapremar-nos da secante estagnação em que nos haviam abochornado zonzas theorias, macabras, nirvanicas quasi, nas quaes só havia duvidas, a inerciarem todos os esforços, todos os voluntariosos temperamentos, latejantes por desabrocharem em rubras flores de sementes procreatoras.

N'ella a vida é aceita como uma ofERTA divina, que nos obriga a vivê-la, inteira sim, mas sem a desperdiçarmos, passando vamente por ella ou acroindo-a, e dentro de uma moral nobilitante, penhor a que todo o homem está sujeito como prova de

que soube compreender-lhe o sentido e todo o valor; por isso nos ensina a ama-la com toda a profundidade de que o homem tornado Deus é capaz, a prescrutar-lhe os mais

mysteriosos segredos, iniciando-nos em contemplações em que desvendamos esses ineditos que vêm des-sedentar-nos, na febre esfu-siante que con-some os nos-sos espiritos mordidos da ansia - labare-da de verem sempre *novo e mais longe*.

E a alegria com que os nossos poetas criam?!

A alegria de viver é um dos pontos de partida da moderna poesia portuguesa; aquella alegria, que le-

vou Ibsen a pôr na bocca de Oswald Alving palavras de maldição contra seus paes, porque o haviam dado ao mundo impossibilitado para a gozar e que a Stelio Effrena faz exclamar

:: COIMBRA ::



O PÃO NOSSO DE CADA DIA...

O POETA: — O' choupo
esgulo, tísico, mirrado...

DESENHO DE
CORREIA DIAS

com todo o calor de que a sua alma de fogo era capaz: «Criar com alegria! eis o attributo da Divindade. E' impossivel imaginar do alto do espirito um acto mais triumphal...» aquella alegria dir-se-ia que é para os nossos poetas d'hoje o mais suggestionante ex-libris, como que um dogma, e que todos elles andam apostados a ver qual mais amplamente lhe obedece.

E então é ouvir:

São versos-clarins, que, n'uma gárrula orquestração archi-doida, nos gritam a estridente alegria que esposteja em todos os seres, em todas as coisas do Universo pela suprema graça de viverem, soltando pelo espaço as semconta notas metallocas que dos corações a' rir dos nossos poetas partem vertiginosas, em flexa, em raio, como vôos de tré-fegas andorinhas, gyrogyrando aligeras nas gavrochadas tumultuosas dos primeiros dias de alleluia da primavera!

São estrophes-poemas, que nos transmittem hossanos em que se escutam orféons a fazerem vibrar, na instrumentação colossal dos seus milhares de vozes, todos os raios-cordas que do Sol irradiam para todos os mundos, onde vão levar, com a sua luz hallucinatoria e o seu calor espertante, os hymnarios de alegrias que marulham nos peitos musicos dos nossos poetas!

São poemas-operas, em que os còros timbalicos, estralejantes nos atordoam n'uma volupia de som, a percorrer-nos os nervos em telegraphias de vae-vem, que todos se des-fibram a milpartirem-se dolorosamente, para n'um relampago se ape-garem de novo com um embate for-feligante que nos contorciona, nos hysteriorisa, provocando-nos verdadeiros jogos-de-pela de crispaturas, de alácres sensações — poemas-operas traduzindo a sensibilidade delicadissima dos nossos poetas, que é fatal ter de vibrar perante todas as fórmãs, todos os sons, todas as expressões de todas as coisas, que todas lhes sorriem, a elles que as sabem comprehender, a supplicarem-lhes que digam aos *outros*, que só por uma lingua intendem, que ellas tambem vivem e vivem com enter-necimento bemdizendo e abençoando a sagrada alegria de viver!

Assim, tudo o que existe tomando uma commovida significação aos nossos sentidos, a vida amplifica-se e sente-se uma agonia de querer abraçar o Infinito.

Fecho agora o pensamento com que comecei o meu artigo: depois de ler os nossos poetas de hoje, direi paradoxalmente sem duvida, mas sem receio de exagerar e sem a fatua pretensão de fazer apenas uma phrase: «O Poeta é o Infinito encerrado n'um homem».

Coimbra — Maio de 1912.

: ALBERTO FELIZ DE CARVALHO :

::: Ante-manhã :::



ANTE-MANHÃ: Anda o luar sosinho...

E com mêdo que rompa a madrugada

Já se vae retirando de mansinho

Pelas portas da Noite abandonada.

E sentem-se no longe confundidas

Vozes vagas que a aurora diz do além...

E o éco das palavras coloridas

Faz perguntar ás almas a que vem.

Ha galos a cantar... Voz repassada

D'amplidão a chamar pela alvorada...

E ella responde colorindo a serra.

E as sementes sentindo a luz nascente

Dizem palpando a leiva espertamente:

«Como está fresca e tam mudada a Terra!»

Coimbra — Abril de 1912.

: AFONSO MOTA GUEDES :

::: ODE :::

A Gabriele d'Annunzio

Il colonnello Moccagatta, comandante del 4° fanteria, che come è noto, ebbe una parte così gloriosa nella presa di Bengasi, ha mandato a Gabriele d'Annunzio questo telegramma:

«Caserna Berca (Bengasi), 19-11-1911.

«Nel trigesimo della presa della Berca e dinanzi alla vecchia bandiera sfiorata dal bacio del glorioso vostro canto, noi, del 4° fanteria «Piemonte», gridiamo un *urra* a voi, sommo Poeta suscitatore di sacri entusiasmi, anelanti di poter un giorno riportare nel cofano della nostra bandiera l'Ode vostra, da voi firmata.

«COLONNELLO MOCCAGATTA».



COM o machado rude o lenhador cortou o lenho, abalando o roble; e o golpe ecoou pela floresta silenciosa. Com o duro escôpro o afeiçoou; e alçando o martelo na solidão da praia, do lenho barbaro fez o esqueleto da nave. Com o seu impulso a nave audaz se baloiçou nas sacras ondas do Adriático. E como as ondas eram filhas de Neptuno, cantando-lhe odes navaes do tempo antigo, a nave fez-se imperatriz das ondas, com brados de latinos nas enxárcias e aguias romanas dominando os mastros.

Por sobre as aguas é um cisne lento, absórto na sua propria nobreza; e leva á prôa uma Vitória, de azas abertas sobre o mar.

E' fresco o vento na quilha; os remos poizam em ritmos helenos; e a marinagem canta. Canta o fogo de outros peitos, uma outra nau cortando o mar com uma quimera alada olhando a terra, um leão rompente em campo todo azul, velas abertas, e uma lôba amamentando dois infantes...

Vozes de lavradores tangendo os bois, arando a terra, cantos de moças descendo as colinas da margem, odes nas almas dos marinheiros, — e os cavalos de Febo, surgindo fogosos da outra banda dos montes, jorrando azul sobre o mar...

Inflam os panos, e no roteiro da nave ha flores de espuma, sôpros de ninfas marinhas ciciando tentações do além aos flancos da Vitória.

No calmo azul da baía, as velas abriram tanto o seu vôo que parecem tocadas dum vasto sôpro da terra que agitasse a terra inteira!

O' marmores sagrados da Cidade! triunfos adormecidos a sonhar nova grandeza! Nas vossas veias acordam estrupidos de legiões em longas vias romanas. Na praça deserta e hirta, onde a memoria susurra falas de heroes e a brisa do crepusculo perde entre as colunas um manto branco, ha gritos barbaros; exercitos em tropel desfraldam aguias, litores afastando o povo, cavalos espumando... Acordai, poentes de Roma, com sombras de

::: ODE :::

Imperadores falando só no escuro,
togados de purpura!

E nos colossos de marmore, as
veias são cordas de lira cantando
sobre os heroes, num firmamento a
arder, conquista e gloria.

Em Alcacer-Kibir, sobre o campo
da batalha onde a morte estendêra
a aza, o vento do deserto tangia as
violas em longos, saudosos ais. Cor-
pos de moços aventureiros, á baça
luz da manhã, rimaram os longes
com as vestes de veludo; era a côr
das vestes tão viva no seu garbo
que a Morte toda a manhã a ado-
çára numa neblina extasiada que se
sentia e não via. Nas suas carnes
gelou o leite da madrugada; e mais
alto, nas veias, o sangue emudeceu.

Ao largo vento do deserto as
violas gemêram...

Lembravam aquele garbo de mo-
ços, a mocidade das côres do seu
gibão, a fidalguia do arranque, so-
frendo o ginete. Choravam a mo-
cidade das vidas, o infinito dos seus
olhos vagos, cheios das ondas do
Mar das Índias, o sangue orgulhoso
de se altear nas veias, desenhando
conquistas e procelas.

No largo vento do deserto as
violas tangêram...

Soltavam a saudade melancolica

Lisboa — Dezembro, 9-1911.

das coisas esmaecidas no campo,
onde nem bulia a aza o silencio
adormecido.

Com o largo vento do deserto as
violas morrêram...

O' Poeta: que o teu canto seja
o rubro grito das trombetas agi-
tando a terra e as legiões. Que ele
seja o sangue duma nação, florindo
pelos jardins das arterias. Em bra-
dos de metaes, bôcas de exercitos
em marcha, povo aclamando, — que
inflame o coração das estatuas de
bronze, e os Heroes libertadores no
pedestal da sua gloria ergam o bra-
ço para o cantar.

Que a tua raça o erga tão alto,
tão fundo o sinta, que na Lôba do
Capitolio tu fiques eternamente su-
gando uma das têtas e eternamente
sugue a outra o povo teu irmão.

Facho ardente e imortal, que
passe de mão em mão; e nos anos
de paz e da abundancia, numa cla-
reira de bosque sagrado, entre es-
tuas e mirtos com grinaldas de
festões correndo os plintos, que a
tua terra seja um loiro adolescente
e o teu canto o corê de rosas.

Que a tua raça não sinta a sau-
dade das violas, — ó Poeta suscita-
dor dos sacros entusiasmos.

: VEIGA SIMÕES :

: CREPUSCULO :



NDA do mar na barra... Enorme vaga

De terra e ceu vejo o horisonte raso.

Nas minhas mãos, em concha, o mar afaga...

E em flôr ao peito ponho o sol-do-ocaso.

A' saudade, como em êrma fragua,
Deitou-me a velha-raça ao abandono;
E náufrago chorando á beira d'agua
Meu coração é um casal no Outono.

Noite caíndo a um rumor de aldravas...
Crio meus versos quando o fim da tarde
Dá espasmos de volúpia ás rosas bravas;

Ou ha gritos de espumas em cachôpo
Onde o sol cae no Mar... e lívido arde
A' lua-cheia êrmo perfil de choupo.

Casal do Sol-posto, 1911.

: AFFONSO DVARTE :

: INSCRIÇÃO :

SEM fé no Amor, busquei por outra parte
com que justificasse a minha vida
e então supuz que apenas na minh'Arte
encontraria a Terra Prometida.

E dei-me todo, até ao mais profundo
do sêr, áquela inédita Ilusão.

E o fôgo que abrasou meu coração,
só, bastaria p'ra incendiar o mundo!

E eu fui grande, eu fui belo, eu fui leal,
emquanto o fôgo em mim não se apagou!
Tive a espada na mão... Mas, afinal,
foi contra mim que a espada se voltou!

Assim, Amigos, me falhou também
aquela fé!...

E, do que foi outróra,
ficou apenas este Livro e Alguem
mais orgulhoso e triste do que fôra!

Coimbra.

: JOÃO DE LEBRE E LIMA :

::: A «TERRA DE SOL» ::: E OS «SOES» DA CRÍTICA...

Meu caro:

QUANDO me despedi, deixando-o lá para os longes da estuante planura alemtejana, prometi escrever-lhe notificando a aparição de qualquer novidade literaria.

Mal pensava eu que, logo na primeira carta, teria de falar dum livro novo, feito de coisas velhas, que, á força de repetidas e pessimamente versejadas, entraram de rustilhada no dominio das banalidades.

Nos ultimos dias de abril appareceu á venda um livro de versos, *Terra de Sol*, e logo a imprensa, esmagada pelo peso do planeta e ofuscada pelo brilho do astro rei, erguendo esfusiantemente os braços louvaminheiros, entregou a entoação daquelas lóas de secular memoria, que tão perniciosas foram ao corvo da fabula. Verdade seja que os tempos mudaram e, se não ha razão para lamentar o ludibrio dos ingenuos, motivos sobejos nos levam a sorrir, desdenhosamente, do raposejar desses *homens de bom saber*, como dizia o bom *Gil dos aitos d'el-rei*. Hoje poder-lhe-emos chamar como Larra, *hombres-liquidos*, que como liquidos tomam a forma do vaso recepiente. Passou vagamente pela ideia do autor dar-nos uma serie de contos ingenuos e mimosos, celebrando a beleza mimosa e ingenua da sua aldeia mãe. Em má hora tentou a concretização da-

quêlê pensar delicado. Confundiu ingenuidade com banalidade, amôr com pieguice e, consuantemente, deu-nos um livro banal e piegas. Nada ha n'êlê que o recomende. Nem os vóos desabridamente ousados dum artista que começa ao re- vigorisar dá vida, cheio de ilusões e esperanças, sedento de fascinações de luz, de modalidades novas, nem uma leve imagem dessas catarátas d'oiro que Abril despenha sobre as ondulações arrepiadas da Beira, nem o uivar agonico dos pinheiros lá plas estiradas noites invernosas, nem plo S. João, o azorrugar das labarêdas, erguendo-se em curvas de serpente aerea, debatendo-se na asfixia duma atmósfera em braza. Muito esqueceu o joven *poéta* e o pouco que aproveitou, viu-o atravez dum vidro mascarrado.

E foi esta obrinha, meu caro, que por aí fez o sarrabulho estrondoso... Parecia tratar-se da aparição do tal supra-Camões, anunciado pelo S. João Baptista de *A Aguia*.

El mundo todo es mascarar!...

A *Terra de Sol*, como a pedra perturbadora da serenidade do lago, ergueu á superficie a porcaria jazente nas alfombras limosas do fundo.

A critica! A opinião publica! dirá você admirado. — Ora valha-nos Deus... Ponhamos de banda o livro que se afundou como a pedra e ajuizêmos do vigor das ondulações

: A «TERRA DE SOL» E OS «SOES» DA CRITICA . . . :

circulares que o embate provocou, analizêmos a sugidade afluada ao lume d'agua entre o estalejar de bo-lhas lividamente amarelentas como escarros e arregaladas como olhos de sapos. Repare você: E' a mesma critica, que pascaciamente embasba-cou perante o *gágáismo* alambicado do sr. Dantas, ingente fazedor de coisinhas num acto que, lamentavel-mente, tem consumido a energia dos nossos bons actores. E esta im-prensa, recomendando com espalha-fato a leitura de entibiamentos fantis, aonde borbulham concedidos de arte pata-de-boi entre modalidades no-vas do ridiculo, tem contribuido desalmadamente para o alheamento do publico, que, ao virar a ultima pagina se considera roubado. Hoje para desarmar o critico não é ne-cessario o auxilio do vil metal, tem avonde a sabujice duma dedicato-ria louvaminheira. Mas estas coisas

Coimbra — Maio de 1912.



Recebemos e agradecemos:

REVISTA DA UNIVERSIDADE.

— O 1.^o numero d'esta Revista, apre-senta-se em grande e grosso formato, bem impressa e com variada colaboração.

Entre os assuntos tratados tornam-se dignos de nota, um artigo filologico do Dr. Gonçalves Guimarães, o principio de um trabalho do Dr. Antonio de Vascon-celos sobre Braz Garcia de Mascarenhas, notavel como reconstituição historica, e um outro artigo do Dr. Costa Lobo so-

não se dizem, embora muitos as pensem.

Chegámos a tal estado de men-tira e desvergonha que a verdade irrita, desperta torrentes de ira, di-luvios de bilis, cataclismos de exco-munhões. E' o ferrão esbrazeado esfatalhando a volva da bostéla, en-tre o chiar dos tecidos e o cuspi-nhar de liquidos deleterios, a alma das coisas podres. O nosso orgulho, meu caro, será, pla vida afora, um grito de desafio aventado ousada-mente ás barbas desses fazedores de genialidades improvisadas e a hom-bridade e regidez de espinha o tes-temunho berrante da nossa intran-zigencia.

Se tivermos merito triunfaremos desassombradamente, se errarmos a vocação seremos uns vencidos de memoria honrada, nada devendo a esse enxamear de criticos que de ha muito pede *tripeça e dignidade*.

: GARCIA PVLIDO :

bre o eclipse. O mesmo senhor Dr. Costa Lobo começou alem disso a publicar na Revista, á custa da dotação da Univer-sidade, umas *sebentas* de Astronomia ele-mentar, que decerto hão de ser muito apreciadas d'aqui a alguns mezes pelos seus alumnos.

RISADAS. — Versos de Santos Galvão, edição da Livraria Neves, de Coim-bra.

TERRA DE SOL. — Versos de José Coelho da Cunha.



Segundo o processo de Faro

Preparado por

F. M. ASSIS

E' sem duvida alguma o *Depu-rativo ASSIS* o que mais radical-mente cura as doenças syphiliti-cas em todas as suas manifesta-ções. Opera com resultado ex-traordinario em todos os casos em que predomina a impureza do sangue. — E' o preparado pharma-ceutico que mais auxilia o func-ionamento de todo o organismo, combatendo eficazmente o virus syphilitico. — Os seus efeitos, não são modernos, pois bastantes indi-viduos devem a vida a este mara-vilhoso preparado pharmaceutico, que não contem substancias no-civas para qualquer órgão, e é um tonico poderoso, excitando o appe-tite, aumentando o numero de globulos vermelhos do sangue, assim como o peso dos doentes. N'este preparado entra como grande auxiliar um producto chi-mico, descoberto pelo grande sabio em chimica organica e inor-ganica, Dr. Inubert.

Dieta — Comida a meio sal, não fazer uso, durante o tratamento, de bebida que contenha alcool, não comer peixe azul, fructos acidos, nem carne de porco.

Modo de usar — Um calix (40 grammas) pela manhã ao levantar, outro á noite ao deitar. Passados oito dias, deve-se fazer uso de um calix mais, do meio dia á uma hora.

Cada frasco, 1\$000 réis

DEPOSITO GERAL

DRUGARIA FALCÃO

48, R. Nova do Almada, 44 - LISBOA



PARA

CARTAZES

VITRAES

CAPAS DE

LIVROS

PASTAS

EX-LIBRIS

PIRO-GRA-

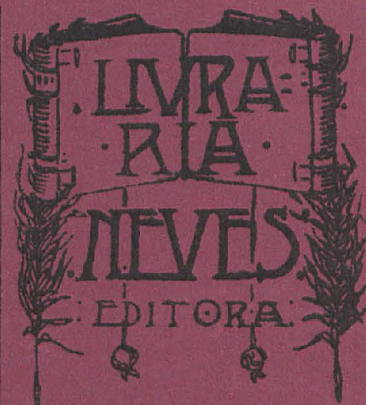
VURA

MO-

VEIS ETC.

Por *Amieiro*

GOIMBRA — L. da Feira, 16



COIMBRA

□ □ □

— Trata de todos

os negocios uni-

versitarios e está

apta a satisfazer

qualquer encom-

menda de livros

ou outras publi-

cações nacionaes

e estrangeiros.